



O livro “Trajetórias: transgêneros brasileiros e o tráfico de pessoas”

Resenha: MOTA, Murilo Peixoto da. *Trajetórias: transgêneros brasileiros e o tráfico de pessoas*. Rio de Janeiro, Ed. Ed. Maud X, 2026. 264p.

■ Anna Marina Barbará Pinheiro

e-mail: annapino9@gmail.com

O livro “Trajetórias: transgêneros brasileiros e o tráfico de pessoas”, de Murilo Peixoto da Mota, nos apresenta uma pesquisa de fôlego sobre trajetórias de transgêneros brasileiros que se viram envolvidas com o tráfico de pessoas em algum momento de suas vidas.

Longe de entender o tráfico humano de transgêneros como um fenômeno de ordem exclusivamente criminal, Murilo se movimenta pelos campos do Direito, da sociologia, da filosofia, e dos estudos de gênero, para compreendê-lo como resultado da transfo-
bia estrutural. Isto é, ao longo de suas vidas, mulheres trans e travestis são alvo de uma ampla gama de violências e exclusões que acabam por empurrá-las para situações de risco. Cabe salientar, entretanto, que em momento nenhum o autor homogeneiza ou simplifica as vivências trans e travestis que, em seu livro ocupam lugar central.

O livro trata de trajetórias e para chegar a elas o autor buscou, inicialmente aproximar-se de ativistas do movimento LGBTQIA+ e de prostitutas e entrevistou Indianarae Siqueira. Gostaria de destacar tal entrevista porque o movimento de prostitutas tem posição peculiar em relação ao tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual e julgo relevante que esta posição tenha sido considerada na análise de Murilo.

Indianarae Siqueira nasceu em Paranaguá (PR) e se autodenomina travesti e “travestigênera”, nome cunhado por ela para abarcar todas as identidades que se articulam com o que a sociedade designa como “homens e mulheres trans, travestis, pessoas trans”. Foi pré-candidata à deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores em 2022. Atualmente é presidente do grupo TransRevolução e idealizadora do Pré-vestibular PreparaNem, que tem como desdobramento a CasaNem.

Indagada sobre o contexto em que mulheres trans e travestis seriam exploradas e escravizadas, Indianarae responde:

“São lendas urbanas, sabe? São lendas que contam sobre a nossa profissão (de prostitutas).”

No caso da exploração sexual por dívida, perguntada se conhecia relatos de prostitutas obrigadas a exercer tal atividade para quitar débitos adquiridos com cafetinas, Indianarae responde que adquirir uma dívida é um fator corriqueiro na vida de um trabalhador, não estando associado apenas ao contexto da prostituição.

Há, por parte da entrevistada a preocupação em caracterizar o lugar da prostituição na sociedade brasileira como um lugar de estigmatização, diverso da perspectiva do movimento de prostitutas que a identifica como uma atividade profissional igual a qualquer outra, em que “se correm riscos, se contraem dívidas e se busca trabalhar para pagá-las”. Nesta perspectiva, o tráfico humano inexistiria, seria apenas “lenda urbana”, conforme afirma Indianarae, mas qual seria a percepção sobre o tráfico das demais entrevistadas?

Como afirmei anteriormente, Murilo não homogeneiza as experiências que com ele são compartilhadas. Existe assim, uma diversidade de situações e posições entre suas entrevistadas, mas há algum consenso entre elas. Nenhuma delas afirma ter sido aliciada para o tráfico, todas buscaram ativamente a oportunidade de viajar e se prostituir no exterior. Sobre a promessa supostamente enganosa que as teria conduzido à tal escolha há alguma divergência: nenhum engano quanto ao exercício da prostituição no exterior, como já afirmei, buscaram por isso. Também não há engano em relação ao pagamento da dívida contraída com a viagem, mas o montante da dívida, que aumenta muitas vezes de tamanho, incluindo despesas com moradia, alimentação e deslocamento, é questionado por quase todas as entrevistadas, assim como as condições de pagamento.

Importa ressaltar que a percepção de ter sido, ou não, traficada, varia em função do nível de questionamento de cada uma em relação às condições acertadas com a cafetina, anteriormente à viagem. Assim, afirma Dili:

“...Eu me considero ter sido traficada, pois (...) quando você tira uma pessoa do lugar, do país dela, e a coloca em outro lugar cujo combinado é falso, (...) mas a explora sexualmente, oprimindo para fazer o dinheiro e pagar uma dívida que nunca acaba- isso é tráfico de pessoas”... (p. 101-102)

Já Michelle, traz, num depoimento muito rico, uma duplicidade de situações vivenciadas por ela e uma amiga em Viareggio, na Itália, que a fazem se distanciar, inicialmente, do perfil de traficada, mas identificar a amiga enquanto tal. Segundo o afirma, não teria sido violentada, nem agredida e teria pago sua dívida em sete meses, mas, sua amiga Ashanti:

“...” estava lá há seis anos, não conseguia pagar a dívida que tinha feito. (...) Ela foi

Resenha *Review*

roubada do país dela. Eles prometeram pra ela, trabalho. Então, assim, não me via como traficada por conta disso. (...) Para mim, o tráfico de pessoas era para quem foi arrancada ou quem tinha sido enganada. Não foi o meu caso, fui porque quis. Tempos depois fui entender que também fui traficada...." (p118)

Neste depoimento a prostituição forçada, que não corresponde à vivência de nenhuma das entrevistadas de Murilo, aparece de forma indireta, como um contraponto da experiência de Michelle, embora vivenciada no mesmo espaço geográfico e tempo histórico. A entrevistada afirma ainda, só ter se percebido como traficada depois de retornar ao Brasil e entrar na universidade para cursar o bacharelado em Serviço Social, onde pode estudar sobre o tráfico humano.

Há ainda outras situações relatadas no livro, como a de Samanta, que foi para Milão com 19 anos porque a irmã já estava lá e, além de chama-la, ajudou-a com as despesas da viagem, de modo que não houve neste caso, nem a intermediação de uma cafetina nem a contração de uma dívida impagável. Cabe sublinhar também, o depoimento de Soraya que, depois de vivenciar por alguns anos a prostituição em Roma, passou a levar meninas para a Europa, tornando-se cafetina.

De todo esse mosaico de experiências, o tráfico de transgêneros brasileiras, sobretudo, para a Europa – há um relato de tráfico no Brasil - acaba aparecendo para o leitor como um fenômeno de grande complexidade. Ainda um tanto invisibilizado e pouco estudado, no Brasil, vale lembrar que o mesmo é tratado no livro, apenas como parte das trajetórias de vida de suas entrevistadas. Um momento em que as mesmas, levadas pelo sonho de uma vida melhor, buscaram internacionalizar o exercício da prostituição.

Importa salientar, portanto, que o livro não se esgota nas narrativas sobre o tráfico, buscando inseri-las no contexto de vida daquelas que o vivenciaram, ou consideraram a hipótese de se deixarem atravessar por essa experiência. Assim, existe um conjunto de vivências comuns a mulheres trans e travestis que são evocadas no livro: a descoberta e percepção sobre a própria identidade de gênero e orientação sexual, violências e exclusões vividas no ambiente familiar e escolar, a vivência da prostituição, a relação com as cafetinas, a feitura do tão desejado corpo feminino, a busca pela alteração do registro civil.

Diante de tão amplo quadro sobre o tráfico humano de transgêneros brasileiras resta por fim ao leitor decidir: Que concretude tem? Quantas camadas de exploração traz consigo? Como enfrentá-lo tendo em vista contemplar direitos da população trans e travesti que se prostitui?

Recomendo fortemente a leitura.

Anna Marina Barbará Pinheiro é doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (2005); professora do Departamento de Ciência Política da UFRJ; coordena o Grupo Margem de Pesquisa e Extensão; professora do mestrado em Políticas Públicas em Direitos Humanos - PPDH, do NEPP-DH/UFRJ; atua nos temas relativos ao gênero, à sexualidade e aos feminismos.

Como citar: PINHEIRO; Anna Marina Barbará. Resenha de: MOTA, Murilo Peixoto da. Trajetórias: transgêneros brasileiras e o tráfico de pessoas. Rio de Janeiro, Ed. Ed. Maud X, 2026. 264p. Revista Metaxy, Rio de Janeiro, PPDH/NEPP-DH/UFRJ, v. 7, n. 7.1, p.283-286, 2026. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metax>